

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA (UNB)

JÚLIA RAMALHO TIERNO

A ARTE E O HUMAZIDADOR EM *É ISTO UM HOMEM?*

Brasília

2016

Júlia Ramalho Tierno

A ARTE E O HUMAZIDADOR EM *É ISTO UM HOMEM?*

Trabalho apresentado à Universidade de Brasília - UnB como sendo um requisito parcial para que se possa obter o título de graduação.

Brasília

SUMÁRIO

1. Introdução	5
2. Desenvolvimento	7
3. A insensibilização em <i>É Isto Um Homem?</i>	7
4. <i>É Isto Um Homem?</i> como obra verdadeiramente artística	12
5. Por que escrevê-lo?	17
6. Conclusão	20
7. Referências	22

A arte e o humanizador em *É Isto Um Homem?*

Júlia Ramalho Tierno¹

“Nada é mais doloroso para a mente humana, depois que sentimentos são perturbados por uma rápida sucessão de eventos, que a perfeita calma da inação e a certeza que se segue e que priva a alma tanto da esperança quanto do medo”²

Mary Shelley

Resumo. Neste trabalho será analisada a obra *É Isto Um Homem?*, de autoria de Primo Levi, por meio de uma perspectiva humanizadora da arte. Será pensada a obra como literatura, e não apenas como um testemunho. Após, serão brevemente refletidos o determinismo e a desumanização encontradas na narrativa, e enfim, será analisada qual a importância do testemunho do autor em questão.

Palavras-chave. Auschwitz, Arte, Força humanizadora.

Resume. In this article it will be analyzed the book *Is This A Man?*, by the author Primo Levi, through a humanizing perspective of art. The book will be thought as literature, and not only as a witness work. After that, the determinism and the loss of humanity found in the narrative will be briefly reflected, and finally, it will be analyzed the importance of the witness of the author in question.

Keywords. Auschwitz, Art, Humanizing strength.

¹ Aluna UnB

² Procurar na obra o nome do tradutor.

1. Introdução

Pensem que isto aconteceu:
Eu lhes mando estas palavras.
Gravem-nas em seus corações,

(LEVI, 1998, p. 9)

É desta forma que se inicia a obra de testemunho *É Isto Um Homem?*, de autoria do italiano Primo Levi. Nas páginas do livro em questão, as quais serão aqui consideradas e refletidas, Levi conta as experiências por ele vivenciadas durante o tortuoso tempo em que foi aprisionado no Campo de Concentração de Auschwitz, do ano de 1943 ao ano de 1944. O autor discorre sobre o que suportou dos maus tratos aos quais os judeus prisioneiros e os demais, não judeus, sofreram no conhecido Campo de Extermínio. *É Isto Um Homem?*, tratando de um tema que a muitos desperta interesse, já foi amplamente pensado e pesquisado pelos estudiosos de literatura das mais variadas correntes.

Ao se fazer uma cuidadosa leitura da obra, perguntas podem vir a surgir, sendo o livro pensado no âmbito da dialética luckatiana. O que torna a narrativa de Primo Levi algo que vai além de apenas um testemunho de guerra, que vai além do campo da memória? Por que tal narração é considerada uma verdadeira produção artística, indo além de uma questão meramente testemunhal? Mais à frente, além dos questionamentos acima citados, outro poderá surgir: Por qual motivo Primo Levi escrevera *É Isto Um Homem?*? O que poderia tê-lo motivado a registrar suas experiências e memórias?

Tais perguntas acima propostas serão analisadas e respondidas no decorrer deste trabalho, com auxílio das leituras de diversos textos teóricos, tais como *Introdução aos escritos estéticos de Marx e Engels* e *Narrar ou Descrever*, os quais se

encontram devidamente citados e enumerados nas referências, assim como sendo ambos os textos de cunho teórico de autoria do filósofo alemão Georg Lukács.

Desenvolvimento

2.1. A insensibilização em *É Isto Um Homem?*

Primeiramente, para que então seja possível o desenvolvimento do trabalho aqui proposto e a elaboração das respostas às indagações estabelecidas, deve-se refletir de modo breve acerca da desumanização com a qual o leitor se depara ao ler *É Isto Um Homem?*; deve-se também compreender o que é a arte para a concepção dialética, pensamento este que será utilizado como cerne da pesquisa.

Como pode ser notado durante a leitura do artigo *O PROCESSO DE DESUMANIZAÇÃO DOS JUDEUS COMO FACILITADOR DO HOLOCAUSTO*, de autoria de Luiz Eduardo Farias, enquanto estiveram em Auschwitz, os inúmeros prisioneiros tinham os seus nomes apagados, esquecidos; estes eram reduzidos a meros números, os quais eram tatuados nos braços dos aprisionados, da mesma maneira que se faz ao marcar o gado. Primo Levi, em sua obra, revela como se dava o momento da alimentação para aqueles que se encontravam presos, momento este em que eram mais uma vez igualados e tratados como animais. Ao falar sobre o pão, Levi o chama de “sagrado tijolinho cinzento, que parece gigantesco na mão do teu vizinho e, na tua, pequeno de fazer chorar.” (LEVI, 1998, p. 32) Havia, como é notória, uma incessante tentativa de transformá-los em bichos.

Ao ler a narrativa em questão, é perceptível que há uma realidade, endurecida e insensível, a qual é imposta aos personagens. Estes, por sua vez, sendo judeus prisioneiros ou nazistas executores, deparam-se encarcerados em um determinismo social, por se encontrarem diante das circunstâncias por eles diariamente vividas.

“Os personagens destas páginas não são homens. A sua humanidade ficou sufocada, ou eles mesmos a sufocaram, sob a

ofensa padecida ou infligida a outros. Os SS maus e brutos, os *Kapos*, os políticos, os criminosos, os “proeminentes” grandes e pequenos, até os *Häftlinge* indiscriminados e escravos, todos os degraus da hierarquia insensata determinada pelos alemães estão, paradoxalmente, juntos numa única íntima desolação.” (LEVI, 1998, p. 180)

Como pode ser notado na citação acima apresentada, não há mais, por parte daqueles que se vêem imersos em uma sentença, um pensamento humano, o que é também perceptível em diversas outras passagens da narrativa. Para os que são em primeiro plano desumanizados e para os que em primeiro plano desumanizam, não é mais perceptível qualquer reação humana. Há, portanto, nas páginas de *É Isto Um Homem?*, a ausência, a perda da espiritualidade humana, sendo que esta não se dá em um sentido religioso, mas sim em um sentido social, voltado para a consciência de todos aqueles que se encontram inseridos naquele contexto.

“Eu desejaria poder contar que entre nós, vil rebanho, levantou-se uma voz, um sussurro, um sinal de assentimento. Não, não houve nada. Continuamos de pé, encurvados e cinzentos, cabisbaixos, não nos descobrimos a não ser quando o alemão mandou. Abriu-se o alçapão, o corpo estrebuchou, atroz; a banda de música recomeçou a tocar, e nós, novamente formados em coluna, desfilamos à frente dos últimos estremecimentos do moribundo.” (LEVI, 1998, p. 219)

Há, logo acima, mais um trecho da obra que trata da desumanização. Não há mais, como pode ser lido no fragmento acima, quaisquer indagações ou resistência. As personagens, tratando-se de um *Häftlinge* ou de um SS, encontram-

se, ao se executar um prisioneiro, insertos na mesma perda de sensibilidade, na mesma privação de sentimentos humanizados.

“A notícia não despertou em mim nenhuma emoção direta. Fazia muitos meses que eu já não conhecia a dor, a alegria, o temor, a não ser desse modo destacado e longínquo do Campo, que se poderia chamar condicional: se eu tivesse agora, pensei, minha sensibilidade normal, este seria um momento extremamente emocionante.” (LEVI, 1998, p. 223)

Há um segundo ponto sobre o qual é necessário refletir. O que seria a arte para a concepção dialética? A arte, de acordo com o texto *Introdução aos Escritos Estéticos de Marx e Engels*, diferencia-se da ciência, pois esta busca localizar, de modo conceitual e especulativo, leis que conduzem os mais variados elementos concatenados à vida. A arte, por sua vez, utiliza-se, de acordo com Lucácks, da “sensibilidade desse movimento como movimento mesmo, em sua unidade viva.” (p. 27) É a partir daí que se pode ter o autêntico realismo, a verdadeira arte.

O que é essa realidade que a criação artística deve refletir com fidelidade? Aqui, importa acima de tudo o caráter negativo da resposta: essa realidade não é somente a superfície imediatamente percebida do mundo exterior, não é a soma dos fenômenos eventuais, casuais e momentâneos. Ao mesmo tempo que coloca o realismo no centro da teoria da arte, a estética marxista combate firmemente qualquer espécie de naturalismo, qualquer tendência à mera reprodução fotográfica da superfície (LUCÁCKS, 2010, p. 24)

Vale lembrar também que, partindo das percepções adotadas por Marx e Engels, o florescimento e desabrochar sociais não necessitam necessariamente estar em pleno acerto com o florescimento e desabrochar artísticos e literários. De acordo com os pensadores, algumas das escritas artísticas que alcançam mais perceptibilidade nascem em uma sociedade que se depara em um nível mais baixo de desenvolvimento social.

De acordo com Luiz Eduardo Farias, após uma situação de desumanização semelhante à de Auschwitz, pode surgir uma “incapacidade que os sobreviventes têm de expressar sua experiência, juntamente com o sentimento de culpa que se combina e juntos criam um muro de silêncio no qual os sobreviventes ficam mergulhados.” (FARIAS, 2011) Todavia, foram encontradas formas de quebrar tal silêncio, como Farias destaca em seu texto, a exemplo do próprio autor da produção artística aqui pensada.

Retirar a humanidade dos judeus foi uma das tarefas fundamentais para o projeto de morte sistemática deste povo. E, ao que tudo parece, os nazistas tiveram sucesso nesta operação. Relatos de sobreviventes mostram como foi dura esta realidade. Uma delas, que não passou pelos Campos, escreveu em suas memórias: “Durante a guerra aprendi uma verdade que geralmente preferimos não enunciar: que a coisa mais brutal da crueldade é que ela desumaniza suas vítimas antes de destruí-las. E que a luta mais árdua de todas é permanecer humano em condições desumanas.” (FARIAS, 2011)

O que seria, então, uma escrita verdadeiramente artística? De acordo com Marx e Engels, o mundo encontra-se na mente humana diversificado de sua efetiva forma: encontra-se desforme e esvaziado de seu real sentido. O homem que se situa

apartado de tal forma real do mundo necessita que ocorra nele uma destruição de qualquer alteração e qualquer deformidade, e que haja um trabalho, de acordo com as palavras utilizadas por Georg Lucácks, com “a vida cotidiana dos homens, a sua verdadeira essência, isto é, a de relações sociais entre os homens.” (LUCÁCKS, 2010, p. 19).

2.2. *É Isto Um Homem?* como obra verdadeiramente artística

Em primeiro lugar, é importante que haja uma diferenciação conceitual entre o testemunho e a arte. Ao se procurar uma definição para o termo *testemunho*, encontrar-se-á “Ato ou efeito de testemunhar; declaração de testemunha em juízo; depoimento; demonstração, prova; indício, vestígio”³. Por outro lado, ao se buscar um conceito para o termo arte, encontrar-se-á “engloba todas as criações realizadas pelo ser humano para expressar uma visão/abordagem sensível do mundo, seja este real ou fruto da imaginação.”⁴

A verdadeira arte visa ao maior aprofundamento e à máxima abrangência na captação da vida em sua totalidade onicompreensiva. A verdadeira arte, portanto, sempre se aprofunda na busca daqueles momentos mais essenciais que se acham ocultos sob a superfície dos fenômenos, mas não representa esses momentos essenciais de maneira abstrata, ou seja, suprimindo os fenômenos ou contrapondo-os à essência; ao contrário, ela apreende exatamente aquele processo dialético vital pelo qual a essência se transforma em fenômeno, se revela no fenômeno, mas figurando ao mesmo tempo o momento no qual o fenômeno manifesta, na sua mobilidade, a sua própria essência. (LUCÁCKS, 2010, p. 26)

Pereira e Silva, em seu texto O ENSINO DA LITERATURA E A CONDIÇÃO HUMANA, reforçam o fato de que, por meio de suas leituras, os leitores são influenciados e por sua vez também influenciam a sociedade, em uma

3 <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/testemunho>

4 <http://conceito.de/arte>

relação na qual ocorrem modificações de modo concomitante. Isso se dá por meio das interpretações que aqueles que leem elaboram para suas compreensões, configurando, portanto, um processo dialético, pois, como as autoras deixam claro ao citar Umberto Eco, “um texto não apenas se apóia numa competência, mas também contribui para criá-la.” (1981, p.80) A humanização, de acordo com Antonio Candido, é “o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor.” (CANDIDO, 2004, p.180) A literatura desenvolve naqueles que leem a quota de humanidade, assim como os torna mais sensíveis e compreensivos com o universo, a coletividade, e também seu próximo, o que remete à ideia de alteridade.

Ao postular a valorização de uma cultura humanística, Morin a conceitua como “uma cultura que pela via da filosofia, do ensaio, do romance, alimenta a inteligência geral, enfrenta as grandes interrogações, estimula a reflexão sobre o saber e favorece a integração pessoal dos acontecimentos” (MORIN, 2005, p.17)

Ao se pensar na citação logo acima colocada, pode-se ver que a literatura apresenta certa convergência, uma abertura que nutre a convergência com outras formas de arte, assim como com outros meios de pensamento, abrindo-se para outras inúmeras construções de experiência humana. E é por isso que Morin aponta tal forma artística como aquela que pode modificar o ensino e, por conseguinte, a percepção humana.

Ao tratar da cultura das humanidades, o estudioso francês afirma que o estudo da linguagem, através das formas literárias, leva o homem diretamente ao caráter mais original da condição humana, pois, pelo poder da linguagem, a poesia põe o fruidor em comunicação com o mistério, que transcende a palavra, levando-o a experimentar a dimensão estética da existência e a ver o mundo com um olhar inaugural. (PEREIRA, SILVA, p. 3)

Primo Levi, diferentemente de outros escritores que narram suas experiências durante o período da Segunda Guerra Mundial, não expõe o evento e suas próprias vivências como algo que se restringe à sua época. Levi trata de diversas questões voltadas para aquele período individual, particular, mas que se apresentam de modo atemporal. Ao narrar sobre acontecimentos extremamente desumanizadores, o autor põe em evidência a própria essência da vida humana, discursando sobre o íntimo da humanidade e sobre a relação deste com a própria vida.

Ora, a humanitas - ou seja, o estudo apaixonado da substância humana do homem- faz parte da essência de toda literatura e de toda arte autênticas. Não basta, para que sejam chamadas de humanistas, que estudem apaixonadamente o homem, a verdadeira essência da sua substância humana; é preciso também, ao mesmo tempo, que elas defendam a integridade do homem contra todas as tendências que a atacam, a envilecem e a adulteram (...) (e, naturalmente, em primeiro lugar, a opressão e a exploração do homem pelo homem) (...). (LUCÁCKS, 2010, p. 35)

O que, então, faz a obra de Primo Levi ser efetivamente artística, literária, e não apenas testemunhal? Ao refletir sobre a questão da desumanização infligida de um ser humano para outro, logo é possível considerar um conceito que pode ser facilmente relacionado à obra: o conceito de alteridade. A alteridade trata daquilo que é o outro, ou seja, daquilo que é diferente, dissemelhante. Uma das principais ideias trabalhadas pela alteridade é a de que o homem, inserido socialmente, desenvolve uma relação de diálogo, interação e interdependência com o outro. Por tal motivo, o 'eu', visto em sua forma individual, só é possível por meio de um contato, de uma ligação com o 'outro'.

O filósofo antigo Platão não percebe a identificação do ser como identidade, mas trata da condição do ser na diversidade, na multiplicidade, entre as quais haverá, de acordo com o filósofo, uma recíproca relação de alteridade. Hegel, por sua vez, acredita que o chamado 'qualquer coisa', ou seja, o ser que é estabelecido de forma qualitativa, está em uma relação contrária, de negatividade com o outro, e isso traz a ele uma limitação. Este ser, todavia, está apontado a se tornar outro. Ele irá se 'alterar' constantemente, modificando, dessa forma, suas próprias qualidades. Ao se tornar perceptível a alteridade, um povo não visa, como seu objetivo, a eliminação de outro.

De certo modo tais ideias estão em cada linha escrita de *É Isto Um Homem?*. Para além da ausência da alteridade na relação entre prisioneiros e algozes de Auschwitz, é possível observar tal ausência em diversos outros tempos da História: no genocídio indígena ocorrido nas terras brasileiras durante o período de colonização, assim como no constante sofrimento dos refugiados, o qual se passa atualmente.

Portanto, a existência e a essência, a gênese e a eficácia da literatura só podem ser compreendidas e explicadas no quadro histórico geral de todo o sistema. A gênese e o desenvolvimento

da literatura são parte do processo histórico geral da sociedade. A essência e o valor estético das obras literárias, bem como a influência exercida por elas, constituem parte daquele processo social geral e unitário através do qual o homem se apropria do mundo através de sua consciência. (LUCÁCKS, 2010, p. 12-13)

A literatura, então, traz de acordo com teóricos tais como Lukács um retrato da vida humana, não se tratando este de um retrato imediato, mas de uma representação. Uma obra de arte trata de um momento específico, mas traz em si reflexões sobre a essência humana, motivo este pelo qual ela fala a todos, em todas as épocas. Há sempre a objetividade histórica do momento em que o autor viveu ou do momento em que o mesmo retratou em seus livros. Todavia, *É Isto Um Homem?*, como já foi dito, vai além de tais relatos. De acordo com Lukács, “o sistema marxista - em nítido contraste com a moderna filosofia burguesa - não se desliga jamais do processo unitário da história.” (LUKÁCS, 2010, p. 11) No próprio momento específico, portanto, Primo Levi traz, por meio de sua forma de escrever, aquilo que é capaz de falar a todos.

Uma pequena monografia sobre a Segunda Guerra Mundial não pode ser considerada uma obra efetivamente artística. É possível que haja competência e destreza em uma escrita monográfica relacionada a algum tema como o tratado por Levi, porém, tal qualificação serviria como uma “digressão dentro do conjunto do romance.” (LUCÁCKS, 1997, p. 44) Uma verdadeira obra de arte não narra coisas meramente circunstanciais. Narra ocorrências voltadas para os acontecimentos humanos. Não se tratará, portanto, de um quadro, de uma fotografia. Trata-se de uma escrita sobre seres humanos e sobre “(...) acontecimentos - nos quais se realiza o destino deles, e através dos quais eles atuam e se debatem (...)”. (LUCÁCKS, 1997, p. 46) O homem - ser humanizado - faz a arte, e a arte faz o homem - ser humanizado. É uma relação de constante debate, de dialética, discussão.

2.3. *Por que escrevê-lo?*

Para esta parte do trabalho, será levado em consideração que para tudo que se faz há um tipo de explicação, há um por quê. Portanto, sempre ao se pensar em uma obra artístico-literária, leva-se em consideração que algo deve haver servido de inspiração e motivação ao seu autor. Há obras, por exemplo, que são consideradas quase biográficas por alguns críticos; há outras obras que possuem um cunho social ou político.

A partir da Segunda Guerra Mundial, a literatura de testemunho se destacou ao manifestar as experiências das vítimas do padecimento experienciado nos campos de concentração. As recordações dos sobreviventes sobre os locais de trabalho forçado pelas memórias dos sobreviventes são valorosas. Em sua obra, Levi, por meio da recordação, retém uma experiência individual e, simultaneamente, compõe a própria História como rememoração.

É somente no século XX que a literatura de testemunho aparece “como um elemento importante no sistema literário e cultural”, revela o historiador e crítico literário Márcio Seligmann-Silva, na entrevista que concedeu, por e-mail, à IHU On-Line. O testemunho, afirma, “é um local de resistência e de rearticulação das identidades”. Segundo ele, “a literatura de testemunho expressa o processo de esmagamento daquilo que é expelido pela sociedade como se fosse um resto. Ela é afirmação da vida, contra a redução desta à mera vida, ou à simples sobrevida. Ela é, portanto, eminentemente política”. E completa: “A literatura, sobretudo desde o romantismo e do romance gótico, tem se especializado em apresentar o recalcado e aquilo que a cultura resiste em olhar de frente: a violência onipresente e sobretudo seus resultados terríveis, como a própria noção de vida nua”. (JUNGES, 2008)

É importante pensar no que motivara Levi a escrever *É Isto Um Homem?*. Um dos motivos que pode ser pensado é que ele a narrou para que se pensasse no tema, na perda da humanização e da visão da essência humana que muitos sofreram, para além dos prisioneiros; outro motivo para que ele a escrevesse pode ser considerado a necessidade de humanizar-se, de encontrar a essência da vida humanizada ele próprio.

Logo ao início de sua obra, Primo Levi traz um poema que fala exatamente sobre escrever, sobre a necessidade de escrever sobre o ocorrido, tendo um trecho deste logo na introdução deste trabalho. Dessa forma, o autor reencontra sua própria humanização. Em determinado momento, por exemplo, ele tenta se lembrar de uma obra literária, e este é um dos momentos mais humanizados da obra completa.

Para o homem faminto, não existe a forma humana do alimento e sim apenas a sua existência abstrata como alimento: o alimento pode se apresentar indiferentemente em qualquer forma, ainda que seja a mais grosseira, e não se conseguirá dizer em que ponto a sua atividade nutritiva se diferenciará da do animal. O homem angustiado por uma necessidade não tem senso algum, mesmo para o espetáculo mais belo:

Portanto, a atividade espiritual do homem dispõe, em todos os seus campos de atuação, de uma determinada autonomia relativa; e isso diz respeito sobretudo à arte e à literatura. (LUCÁCKS, 2010, p. 15)

Neste trecho do texto de Lucácks, pode-se refletir sobre a importância da literatura e da arte de modo mais generalizado. Para o homem desumanizado, não há forma humana de nada ao seu redor. Primo Levi experienciou isso em Auschwitz. É notável em sua narrativa que o alimento, como é dado o exemplo no

trecho acima citado, é pura e simplesmente um alimento, assim como o é para um animal.

Quem é Dante? Que é a Divina Comédia? Que sensação estranha, nova, a gente experimenta ao tentar esclarecer, em poucas palavras, o que é a Divina Comédia. Como está organizado o Inferno. O que é o “contrapeso” que liga a pena à culpa. Virgílio é razão. Beatriz, a teologia. (LEVI, 1998, p. 96)

Deve-se pensar a importância das contradições e analisar o capítulo *O Canto de Ulisses*, quando Levi traduz uma obra do escritor Dante Alighieri para seu colega, e também se deve considerar a presença da arte uma força humanizadora na parte em questão; Levi tem problema em se recordar sobre a obra literária, causando isso um estranhamento ao prisioneiro, após quase um ano em Auschwitz.

Sabe-se que a real obra de arte, uma que seja verdadeira em sua essência, precisa se afastar de uma fotografia, de um retrato congelado, sem qualquer movimento o qual possa ser visto como motriz da vida humana. A partir de tal feito literário, Primo Levi busca passar uma busca pela humanização para os outros que tenham conhecimento de sua obra e para si mesmo, como alguém que vivenciou os horrores de Auschwitz.

3. Conclusão

Primo Levi, para que este artigo possa ser concluído, e como pode ser observado durante a leitura de sua obra, em seus relatos sobre as experiências por ele vivenciadas em Auschwitz, trata da perda da humanidade. Portanto, concomitantemente, ao fazê-lo, ou escritor também trata daquilo que é mais essencial, daquilo que pode ser visto como vital ao homem verdadeiramente humanizado.

Por meio do que é retratado por Levi no decorrer de sua obra, é possível perceber inúmeras coisas. É possível, por exemplo, compreender como a consciência é determinada pelo ser, mas também, ao mesmo tempo, ela pode modificá-lo, tanto especificamente, individualmente, como socialmente. Ou seja, tal relação acaba tratando-se de uma constante relação de duplicidade, de uma constante relação de dualismo.

Há uma grande importância no fato de o autor Primo Levi ter se empenhado em contar suas experiências e trabalhado em uma literatura caracterizada como de testemunho, levando sempre em consideração que a arte não se dissocia jamais da política e das questões sociais, e que a arte também não se trata de um mero apêndice, e sim de algo essencial e fundamental à humanidade.

“Desse modo brutal, oprimidos até o fundo, viveram muitos homens do nosso tempo; todos, porém, durante um período relativamente curto. Poderíamos, então, perguntar-nos se vale mesmo a pena, se convém que de tal situação humana reste alguma memória.

A essa pergunta, tenho a convicção de poder responder que sim. Estamos convencidos de que nenhuma experiência humana é

vazia de conteúdo, de que todas merecem ser analisadas; de que se podem extrair valores fundamentais (ainda que nem sempre positivos) desse mundo particular que estamos descrevendo.”
(LEVI, 1998, p. 127)

É Isto Um Homem? é uma obra de arte, uma obra literária testemunhal. Isso se dá uma vez que tal narrativa trata das interações e relações entre os homens e, como diz o filósofo Lucácks, por meios destas relações “inter-humanas”, trata também das interações e relações “entre sociedade e natureza”. Há ali um pensamento sobre o homem, em sua plena essência e em sua plena totalidade, em sua completude.

Primo Levi traz a história para pensarmos em sua relação com o homem, e dessa forma, busca humanizar a si mesmo e trazer uma visão voltada para a essência do homem que alcançará àqueles que lerem suas páginas de testemunho.

Referências

LEVI, Primo - *É Isto um Homem?*. Trad. de Luigi Del Re. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

LUKÁCS, G - *Introdução aos escritos estéticos de Marx e Engels*.

LUKÁCS, G - Narrar ou Descrever. In: *Ensaio sobre literatura*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1997. p. 43-94.

COSTA, André Oliveira - *Lógica da Alteridade de Hegel*. Porto Alegre, 2008.

RÖRIG, Cristina. BOTH, Joseline Tatiana - *Alteridade E Valor: Diálogos Possíveis entre Platão, Saussure e Ducrot*. Uberlândia: EDUFU, 2011.

<http://profluizeduardofarias.blogspot.com.br/2011/08/o-processo-de-desumanizacao-dos-judeus.html>

<http://www.uece.br/setesaberes/anais/pdfs/trabalhos/387-08082010-001342.pdf>

http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=3534&secao=344